# Jornalismo Investigativo na Internet – A Apuração nas Redes e Questões de Epistemologia[1]

Vivian de Azevedo Virissimo[2]

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo**

Neste artigo realiza-se a abordagem das novas possibilidades e formas de apuração jornalística no ciberespaço, com ênfase nas práticas do jornalismo investigativo diante do impacto das novas tecnologias. Paralelamente, procura-se realizar o estudo de dois fundamentos epistemológicos do campo do Jornalismo: a verdade e o conhecimento, entendendo a necessidade de trabalhar com o conceito de "crença verdadeira e justificada" para compreender a especificidade do jornalismo investigativo.

**Palavras-chave**

Jornalismo; apuração; epistemologia; verdade; conhecimento.

## 1. Introdução

Desde que a troca de informações tornou-se possível através de redes telemáticas, a Internet tem transformado profundamente o modo pelo qual lidamos com a informação de todas as naturezas. O início deste processo se deu com o uso de computadores ligados a rede ARPA (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada) nos Estados Unidos em 1968 com fins militares e estratégicos, passando a ser utilizada como ferramenta acadêmica nos principais institutos de pesquisa daquele país a partir da década de 1970 e, por último, para ser a rede das redes, aberta a todos. De acordo com CASTELLS (2003: 7), "a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global."

Ainda que a difusão da rede não tenha acontecido de forma homogênea, espalhando-se pelo mundo em todos os países e em todas as classes socias, o advento da

[1]Trabalho apresentado ao GT Jornalismo e Editoração, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2]Mestranda em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail vivian_virissimo@hotmail.com

Internet propiciou a emergência de um novo meio de comunicação, provocando modificações de padrões de interação social nos indivíduos em geral e dos jornalistas em particular que passam a dispor de um novo canal de investigação para a produção de notícias.

A velocidade e amplitude da transformação que teve início há treze anos, com a sua distribuição comercial, pode ser avaliada pelo número de usuários, no entanto, a abrangência cultural, econômica, social e política que constituem a Sociedade da Informação, construída em torno das redes de comunicação na Internet, já toma proporções difíceis de serem mensuradas.

De acordo com BRIGGS E BURKE (2004), quando se aborda a história da mídia da segunda metade do século XX, deve-se levar em conta a história da tecnologia.

> Os computadores devem vir em primeiro lugar em qualquer análise histórica, pois logo que deixaram de ser considerados simples máquinas de calcular – e isso só aconteceu no começo da década de 1970 -, eles passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas. (p.283)

No caso do jornalismo, novas formas são assumidas a partir da informatização dos jornais, que no Brasil foram adotadas pioneiramente pelo Globo e pela Folha de S. Paulo em 1982. Assim, o que pode-se perceber é que a tecnologia digital tende a afetar tanto os meios de produção quanto os próprios conteúdos no jornalismo praticado nas redes. De qualquer modo torna-se complexo o processo de avaliação em perspectiva dos efeitos que a Internet provoca nos jornalistas e no jornalismo. Para MACHADO (2003),

> a) as redes são uma espécie de ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais e b) as redes são um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos permanecem circunscritas aos limites do ciberespaço. (p.19)

Neste contexto de mudanças de práticas culturais, a comunicação mediada por computador exige do jornalista habilidade e domínio na utilização das novas tecnologias pois, "a Internet está a transformar o jornalismo, não só na suas práticas quotidianas, mas também na sua natureza, isto é, naquilo que se entende por jornalismo". (FIDALGO, 2004:259).

Para AROSO (2003), o jornalismo praticado nas redes transforma vários aspectos da realidade jornalística, desde o perfil dos jornalistas até as competências exigidas. "Um desses elementos, ou mesmo o principal, é o jornalista que, também ele, é profundamente afetado" (2003: 1). Cada vez mais é exigido do profissional a destreza de investigar nos arquivos disponíveis on-line nos bancos de dados e nos ordenadores tais como o Google para pesquisar informação de toda ordem.

Nesse sentido, de acordo com TAMBOSI (2005: 36), "o jornalismo investigativo pode constituir uma forma de conhecimento autônoma, no momento em que escava fatos que de outro modo não seriam trazidos à luz." Para o autor, os procedimentos investigativos praticados pelos jornalistas se assemelham com pesquisas de caráter científico, uma vez que a pauta elaborada pelo repórter remete às hipóteses do cientista.

Assim, a principal linha de análise deste artigo passa a ter a categoria de jornalismo investigativo como base, sendo uma forma de conhecimento autônoma. Deste modo, esta modalidade ou gênero jornalístico pode ser implementado de uma maneira mais coerente e em profundidade com a ajuda das novas tecnologias proporcionadas pela pesquisa e apuração de informações disponíveis no ciberespaço.

Dessa forma, muitas temáticas e fatos de grande importância cultural e política, podem ser transmitidas ao público de forma mais completa e em profundidade, utilizando as ferramentas proporcionadas pelas novas tecnologias, escavando assim notícias e reportagens investigativas para os receptores, isto é, o público em geral. Seguindo a tendência de acesso livre que constitui a Internet, a busca por dados que podem ser o embrião de reportagens investigativas em todos os suportes - rádio, televisão, jornal impresso, revista e nos portais - podem ser apurados nas páginas de instituições públicas e privadas. Com o advento das redes e do fácil acesso a um grande contingente de conteúdos, as competências profissionais de cada jornalista necessitam ser cada vez mais abrangentes para possibilitar uma apuração precisa e séria do grande volume de informações da Web.

Conforme Eric Meyer (apud AROSO, 2003: 2), para qualquer jornalista é imprescindível "uma compreensão sólida de como procurar informação significativa, organizá-la de modo eficiênte e apresentá-la de forma a que a audiência aprecie". Como assinala o autor, esta é uma necessidade cada vez mais exigida diante do grande contingente de informação disponível no ciberespaço.

Além disso, destaca-se que um das grandes transformações proporcionada pelo jornalismo online que antes não se fazia possível nos outros meios é a capacidade de

armazenamento das edições passadas. Esta qualidade não só é de grande validade para o público, mas principalmente para os jornalistas na hora de investigar no ciberespaço. Para MARTINEZ (2006: 13), a Internet mantém os conteúdos disponíveis, "permitindo que o leitor acesse essas informações em outros momentos – podem ser horas, dias ou, de acordo com o sistema de arquivamento de busca do site, até meses depois de terem ido ao ar".

Em suma, para o jornalismo investigativo, a grande mudança de paradigma se deu com a informatização das redações a partir dos anos 1980, que vem facilitando o trabalho dos jornalistas a medida que novas tecnologias passam a ser adotadas pelas organizações. Portanto, para compreender a análise proposta, toda a evolução tecnológica deve ser levada em consideração. Mas sempre é importante lembrar que por mais que a apuração na Internet para o jornalismo investigativo seja cada vez mais relevante, a pesquisa realizada fora da redação nunca pode ser deixada de lado. A saída à campo não pode ser descartada, pois a investigação no ciberespaço vem somar esforços, não substituir a apuração já consagrada.

## 2. Como a apuração da notícia se transforma com a Internet

Com a complexificação da sociedade, o jornalismo necessita buscar formas inovadoras de realizar o trabalho de apuração, elaboração e difusão da mensagem jornalística. Em contextos cada vez mais sofisticados, o jornalista precisa buscar formas mais específicas e precisas para descrever e interpretar essa sociedade, pois é através do testemunho do jornalismo que se toma conhecimento dos acontecimentos que ocorrem no mundo em escala local, estadual, nacional e mundial.

O e-mail configura-se como uma das mais importante ferramentas para o trabalho do jornalista com relação ao acesso às fontes. Rápidas, convenientes, flexíveis, seguras e com baixo custo o e-mail soma-se ao arsenal de qualquer jornalista. De acordo com GARRINSON (2007),

> Os jornalistas observaram que o e-mail pode ser usado de maneira eficiente para responder a questões de rotina e verificação de fatos. Pode ser, com freqüência, o único método disponível para contatar fontes em locais remotos ou em horários díspares. Fontes relutantes consideram atraente o disfarce que o e-mail permite e os repórteres perceberam que fontes difíceis de serem acessadas se tornam, com freqüência, mais acessíveis por e-mail. É um recurso valioso para notícias e pesquisa internacional. Alguns jornalistas se valem da capacidade do e-mail para contatar múltiplas fontes com uma mesma mensagem e da conveniência de usar mensagens como follow-up. (p. 29)

Assim como o e-mail, outros instrumentos oferecidos pela rede estreitam a relação entre os jornais e seus leitores, oferecendo interatividade em salas de bate-papo, listas de discussão, blogs, etc. J. D. LASICA (apud AROSO: 3), dá pistas de como o jornalista pode utilizar as ferramentas da Internet para realizar a apuração jornalística: "Aprender o que funciona na Internet - como melhorar a notícia através de fóruns, inquéritos, materiais de background, documentos de suporte, áudio, vídeo, mapas e gráficos interativos, arquivos pesquisáveis, entre outros".

Na sua prática diária, os jornalistas ao se familiarizarem e enxergarem potencial na esfera virtual passam a realizar a cobertura dos fenômenos de natureza jornalística de forma mais completa e abrangente. Desde que o jornalismo foi inventado e difundido em escala global, o processo que começa na apuração dos fatos, passando pela elaboração das notícias e terminando na difusão dos conteúdos passou por muitos melhoramentos, sendo modificado inúmeras vezes. Ele não é estático e imutável. O jornalismo sendo um produto cultural transforma-se na medida em que é apropriado pelas pessoas e não seria diferente quando o uso de novas tecnologias é inserido no cotidiano do jornalista.

Realizando uma simples análise, podemos constatar nas últimas décadas o impacto da tecnologia em todos os processos de produção da notícia. A difusão dos conteúdos já foi aperfeiçoada com introdução de parques gráficos mais eficientes, melhores aparelhos de transmissão de mensagens de rádio e tv. A elaboração da notícia teve sua grande mudança tecnológica com a transição dás maquinas de datilografia por computadores com grande capacidade de armazenamento. Agora é a vez da apuração passar pelo impacto das novas tecnologias, com a sofisticação da pesquisa e investigação no ciberespaço.

Isso porque é na apuração que se busca referência do contexto em que determinado fato está acontecendo, busca-se a opinião de especialistas e tenta-se ouvir a

maior parte dos "lados" envolvidos no caso. Os critérios de apuração são apenas uma parte do processo de produção jornalística, muito embora, o jornalismo jamais pudesse abrir mão dessa primeira etapa.

De acordo com MEYER (1993: 26), todo jornalista deve possuir o conhecimento de saber como 1. encontrar uma informação; 2. Avaliá-la e analisá-la. 3. Transmiti-la de modo que ultrapasse a confusão da sobrecarga informacional e chegue ao público que a necessita e deseja notícias. O autor acrescenta que "na medida em que os jornalistas aprendam a realizar tais coisas estarão cumprindo um dos fundamentos do que constitui uma profissão: o acesso a um corpo esotérico de conhecimentos."

Tendo consciência do caráter profissional do jornalista, volta-se à questão das transformações tecnológicas, uma vez que é possível notar que com a mídia eletrônica, as notícias diferenciam-se na forma e no conteúdo de outros meios como, por exemplo, a impressão ou a transmissão por ondas eletromagnéticas. No entanto, mesmo que os suportes jornalísticos tenham sido alterados desde o seu surgimento, deve-se evitar incorrer no erro de pensar na idéia de permanente substituição. Os meios de comunicação são, antes de tudo, um sistema, onde todas as tecnologias convivem. Para BRIGGS E BURKE (2004),

> ao se introduzirem novas mídias, as mais antigas não são abandonadas, mas ambas coexistem e interagem. Com o surgimento das publicações, os manuscritos continuaram sendo importantes assim como os livros e o rádio na idade da televisão. A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque. (p.17)

Nesse sentido, para a Rede ICOD (Rede Ibero-americana de Comunicação Digital), a realidade demonstra que já não existem mais meios de comunicação não digitais. "Atualmente os profissionais da comunicação trabalham imersos num ambiente de forte conteúdo tecnológico que influencia toda a rotina produtiva e não apenas o produto final."

Deste modo, pode-se perceber que os jornalistas, no seu trabalho diário, dispondo de todos os canais de informação disponíveis na rede, já partem da redação para a cobertura *in loco* de determinado acontecimento ou fato com um levantamento de dados preliminar a partir do conteúdo online.

De acordo com CASTELLS (2003: 159), as salas da redação em toda a mídia estão sendo reequipadas em torno da Internet. "Trabalham num fluxo contínuo de

processamento da informação, no tempo da Internet, segundo o modelo adotado pioneiramente por *The Chicago Tribune/Los Angeles Times* em 2000". As organizações jornalísticas modificaram seus processos de produção, assim como os jornalistas tiveram as suas práticas de apuração da informação transformadas.

ZAMORRA (2001) assinala que o jornalista para responder às necessidades da audiência pode atuar no ciberespaço explorando os fóruns de discussão, o chat e a possibilidade do correio eletrônico. Para a autora, o jornalista

> será um especialista no uso das novas tecnologias, deverá contar com suficientes critérios para apurar a veracidade das informações que obtenha na rede. A interatividade do jornalista será outra fonte de informação; deverá ter uma grande habilidade, inteligência e capacidade de seleção para procurar e encontrar a informação que necessita; terá que fortalecer os princípios éticos e deontológico; conforme os fatos vão ocorrendo; resumirá à audiência o mais importante do momento, deverá ter uma maior preparação, tanto em Ciências da Informação como em cultura geral.

Realizando uma, das múltiplas leituras possíveis da sociedade, o jornalismo compartilha conhecimentos públicos, constituindo um produto cultural. O processo de checagem para os jornalistas é um exercício de intensa complexidade, uma vez que, são variados os canais de informações na atualidade. Com as profundas modificações que a tecnologia digital provoca no jornalismo, as informações chegam num volume cada vez maior às redações, podendo ser averiguadas no conteúdo digitalizado oferecido por assessorias de imprensa, agências de notícias, jornais concorrentes e na esfera virtual, a saber: blogs, páginas pessoais e institucionais, grupos de discussão, relatórios, artigos científicos e bancos de dados, entre outros.

A atuação profissional torna-se mais complexa, exigindo grande dedicação no desempenho do seu trabalho. Como afirma PALACIOS em prefácio ao livro de MACHADO (2003),

> A digitalização não é simplesmente mais uma tecnologia ou ferramenta com a qual os jornalistas estão tendo que se adaptar, através da leitura de um manual de instruções ou de um curso rápido de atualização de um final de semana. A digitalização é uma espécie de meta-tecnologia, que afeta todas as tecnologias e, principalmente, redefine e produz formas de existir social. (p. 8)

Numa conjuntura de abundância de informações, o jornalista atua em sociedades complexas como um intérprete para o público, assim, ele precisa desenvolver técnicas de pesquisa e apuração adequadas ao jornalismo praticado nas redes. Para tanto, se faz

necessário a capacitação do profissional que pretende realizar um trabalho qualificado, sempre evitando perder-se no emaranhado de informações. Já não basta estar conectado à Internet, bem como acessar uma quantidade insignificante de endereços online diariamente, o jornalista precisa apurar no ciberespaço em grandes proporções, utilizando todo o seu potencial investigativo.

## 3. A Internet e a influência na representação da realidade

Embora os constrangimentos diários enfrentados pelos jornalistas sejam um obstáculo para o jornalismo investigativo, uma nova alternativa se abre com a implementação das novas tecnologias, tais como o uso de computadores conectados à Internet, como mais uma das tantas mudanças apropriadas pelos jornalistas ao longo da sua história.

De acordo com MACHADO (2003) a disseminação do suporte digital implica em várias transformações, destacando-se quatro, sendo que a primeira se refere às particularidades da prática jornalística nas redes, passando pelas mudanças no perfil do profissional e na estrutura organizacional das empresas jornalísticas e em relação às funções que o usuário passa a ocupar no sistema de produção de conteúdos.

Portanto, a utilização do ciberespaço como fonte para os jornalistas, abre espaço para muitas reflexões no que diz respeito ao método utilizado pelos jornalistas para encontrar as fontes na rede mundial de computadores. Na web, por exemplo, estão disponíveis relatórios, artigos e bancos de dados eletrônicos. Também é possível consultar dicionários, enciclopédias, glossários. Além disso, fontes não oficiais, ou seja, os usuários do ciberespaço podem ser facilmente encontradas em listas ou grupos de discussões e de especialistas em esferas específicas.

No entanto, ao mesmo tempo em que esse amplo leque de possibilidades se abre ao jornalista, torna-se cada vez mais complexo aplicar critérios adequados na hora de decidir a confiabilidade de determinadas fontes ou dados na Internet. MACHADO (2003: 25) assinala que, "a estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido a multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial."

Geralmente o conteúdo das redes é utilizado nos meios convencionais sem grandes alterações na prática dos profissionais, sendo caracterizado como uma

ferramenta auxiliar no trabalho jornalístico. Conceituado como reportagem investigativa assistida por computador (DE FLEUER, 1997), o processo de coleta de dados com o auxílio do computador pode revelar fatos que não poderiam ser trazidos à tona facilmente de outra forma, sendo este mecanismo capaz de descobrir tendências para serem interpretadas pela reportagem. Configurando-se como uma nova área da prática do jornalismo, "a reportagem investigativa assistida por computador emerge, na sua maioria, como um meio pelo qual jornalistas podem examinar a realização de agências do governo e funcionários." (1997: 22)

Nesta conjuntura, soma-se a isso a tendência das organizações em âmbito local, estadual e federal, em sociedades complexas seguirem a orientação de fornecer informações de interesse público por meio da Internet. Desta forma, passa a acontecer uma intensa troca de informações que passam pelos meios de comunicação, abrindo um amplo campo para o jornalismo investigativo. Ao mesmo tempo, como já ressaltamos anteriormente, o jornalismo como profissão e instituição sofre profundas transformações na sua forma e conteúdo.

## 4. Verdade e conhecimento para o jornalismo investigativo

A partir deste ponto, interrompe-se a exposição dos usos do ciberespaço para o jornalismo investigativo para tratar de dois fundamentos específicos do campo da epistemologia: a verdade e o conhecimento.

Os jornalistas encontram-se continuamente investigando e apurando dados para retratar recortes de uma dada realidade. Recortes por que parte-se da premissa que a apreensão da realidade na sua totalidade é algo impossível, passível de múltiplas interpretações. Nesse sentido, o jornalismo não pode ser concebido como o espelho da realidade, pois não se tem conhecimento da totalidade, apenas de partes dela.

Nesse sentido, dentro dos estudos que abarcam a epistemologia da comunicação temos o estudo de SEARLE (2000: 18), em que o autor explica que para o realismo empírico existe um mundo externo (real) independente de nós, de nosso pensamento, nossas experiências e nossas linguagens. Temos acesso perceptivo a esse mundo através de nossos sentidos. As palavras de nossa linguagem tendo significados razoavelmente claros contribuem para a apreensão das coisas. A linguagem é o instrumento de

apropriação da realidade, embora a realidade não dependa da linguagem e dos conceitos, isto é, seja extra-linguístico.

Neste sentido, para GOMIS (1991) converter um fato em notícia é basicamente uma operação linguistica. Para o autor, não há outra maneira de fazê-lo que servindo-se da linguagem. E a linguagem não pode dar conta da realidade sem caracterizá-la, sem esconder aspectos e deixar, esquecer outros, sem definir a realidade em termos excludentes.

SEARLE (2000: 21) assinala também que nossas afirmações e proposições são verdadeiras ou falsas dependendo de corresponderem ao modo como as coisas são, isto é, os fatos no mundo. A causalidade é uma relação entre objetos e estados de coisas do mundo (um fenômeno, a causa, provoca o outro, o efeito).

Na conjuntura de sociedades complexas, a cobertura jornalística dos acontecimentos se ocupa da descrição dos fenômenos do mundo. A noção de fato abarca toda ocorrência ou coisa no mundo real e/ou estado de coisas que toma uma proposição verdadeira.

Como afirma TAMBOSI (2007: 47),

> a teoria da verdade como correspondência (ou adequação, ou acordo) é a teoria que melhor se aplica ao Jornalismo, que, pelo menos nesse sentido, está num campo epistemológico próximo ao das ciências, justamente por relacionar, tanto quanto estas, linguagem e realidade. A única diferença é que o Jornalismo trata mais da realidade social que da realidade natural.

Mas a maneira pela qual os jornalistas lidam com a realidade determina o modo que cada fato será retratado. A questão pode ser compreendida quando se concebe o fato sendo sempre verdadeiro, nunca falso. Ele independe das formas de notícia, das maneiras que os jornalistas escrevem. Deve-se ter em conta que apenas as versões ou declarações podem ser falsas, jamais os fatos.

Como atividade profissional, o jornalismo se baseia necessariamente em informações. Para TAMBOSI (2007), "a informação pode ser falsa, mas não o conhecimento, que é sempre verdadeiro, ou não é conhecimento". De acordo com o autor, a teoria da verdade como correspondência diz que as afirmações são verdadeiras se correspondem, descrevem ou se encaixam à maneira como as coisas realmente são no mundo, e falsas se não o fazem.

A evolução e complexificação das organizações jornalísticas culminam com o surgimento do jornalismo digital, ou seja, todo o conteúdo de natureza jornalística

divulgado em redes. E cada vez mais, estas organizações precisam se confrontar com questões epistemológicas que refletem sobre a validade e credibilidade dos dados encontrados na Internet. Assim como este conteúdo oferecido pela rede, modificou os modos de produção jornalística, os usos realizados pelos profissionais também transformam a Internet, pois toda tecnologia é apropriada social e culturalmente. Conforme CASTELLS (2003),

> as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a. Esta é a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina, e isso é ainda mais verdadeiro no caso da Internet, uma tecnologia da comunicação. A comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana. Como nossa prática é baseada na comunicação, e a Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação. (p.10)

Neste sentido, nem os jornalistas e tampouco os usuários do ciberespaço assumem um papel de passividade em relação aos conteúdos oferecidos pela rede sendo que a tecnologia atua apenas como mediadora entre eles. Cada vez mais, os usuários buscam espaços de discussão suscitados pelas informações disponíveis na rede. Os leitores querem fóruns, participar e debater. Com a Internet a lógica presente nos meios de comunicação tradicionais abre espaço para outro tipo de postura por parte do usuário, que só vem a somar ao jornalismo investigativo praticado nas redes. De acordo com BORGES (2007: 51), "até hoje não se criou nada mais dinâmico e estruturado como o meio digital para lidar com o acesso ilimitado a conteúdos relacionados. Está na internet a notícia dada minuto a minuto. E por trás dela, toda e qualquer informação sobre o tema que o usuário queira buscar."

Esse é mais um elemento para entender o contexto em que o jornalismo investigativo realizado nas redes está inserido. Quando se pensa o jornalismo como uma prática, tendo como especificidade um contínuo reiterar da sociedade, pode-se perceber que ele não explica, apenas descreve as circunstâncias. Ao contrário do jornalismo quando este pretende ser uma ciência, quando não apenas descreve os processos, mas também possui condições de explicar as causas e efeitos dos fenômenos. Deste modo, assim como os conceitos não reproduzem uma realidade, eles apenas descrevem os

fenômenos, nenhuma ciência pode dar conta da realidade, já que ela se mostra complexa e incognoscível na sua totalidade.

Pode-se dizer que o fim último da ciência é entender e ter conhecimento sobre a realidade. Mas o objetivo básico do jornalismo seria a informação ou o conhecimento? TAMBOSI (2005: 36) esclarece que, "o jornalismo torna públicas, isto é, dá a conhecer informações. É o leitor ou telespectador que de fato, adquire conhecimento".

Compreender como o campo jornalístico estrutura-se é de suma importância para entender esta questão. O jornalismo possui vínculos ao conceito de informação, sendo uma profissão que realiza a apuração, a elaboração e a difusão de informação através de diferentes suportes da mensagem jornalística, para grandes audiências ou segmentos especializados. TAMBOSI (2005: 36) ressalta que, o conhecimento se dá apenas no produto do jornalismo, desde que a informação seja correta ou, verdadeira. Além disso, "o objetivo que move a atividade jornalística, portanto, é a informação, não o conhecimento".

O estudo que se realiza na academia tendo como objeto o Jornalismo é uma ciência aplicada. Portanto, estudar e teorizar o jornalismo se faz necessário na medida em que a pesquisa tem como princípio a desconstrução da prática e contribuir para seu constante aperfeiçoamento e reorientação das rotinas produtivas. Conforme OTTO GROTH (BERGER & MAROCO, 2006), para desenvolver uma ciência do jornalismo é necessário definir um objeto próprio diferente das outras ciências e um enfoque (método) específico com o qual pretende ver os fenômenos.

Prosseguindo na discussão sobre conhecimento, constata-se que para TAMBOSI (2005) é necessário levar em conta que o conhecimento depende da informação, mas nem toda informação é conhecimento. Entendendo o conhecimento como uma crença verdadeira e justificada, podemos relacionar o momento em que o Jornalismo transmite informações corretas e verdadeiras, gerando assim conhecimentos. A atividade jornalística, muitas vezes, por depender de fontes mal intencionadas ou mesmo desinformadas, se faz valer de declarações e crenças falsas no contexto das notícias. Nestes casos, portanto, o jornalismo não gera conhecimento, apenas divulga informações falsas, mas jamais fatos ou conhecimentos falsos. Em suma não há conhecimento sem verdade.

Com a expansão das novas tecnologias se pode perceber que a humanidade desenvolveu ao longo dos anos um sofisticado intercâmbio de informações e de conhecimento. Dito isto, o conhecimento jornalístico se insere como uma das principais

formas de mediação social. Os seres humanos decidem suas ações mais banais pelo conhecimento jornalístico, sendo que uma pequena parcela das ações é orientada pela ciência. Para MACHADO (2003:13), "o jornalismo segue como tipo de conhecimento essencial para a organização das sociedades complexas."

Sempre em busca do conhecimento, ou seja, informações verdadeiras, jornalistas buscam reproduzir crenças verdadeiras justificadas ao reiterar a realidade cotidianamente. Conhecer significa ter representações verdadeiras da realidade para as quais podemos fornecer justificações ou provas. Existem três tipos de conhecimento: a) direto, que toda pessoa possui com alguém ou alguma coisa, b) por aptidão, isto é, dispor de alguma capacidade ou competência para fazer algo e c) proposicional, saber que uma declaração é verdadeira.

TAMBOSI (2007) comenta o sentido implícito da verdade para o jornalismo relacionando-o ao conceito de conhecimento,

> No Jornalismo, especificamente, observa-se a tendência de reduzir a verdade a imperativo ético, sem o esforço, por parte dos estudiosos, de enfrentar a questão epistemológica da verdade, relacionando-a com as teorias compartilhadas pela filosofia e pelas ciências. Transformada em princípio ético – tal como a referem os códigos deontológicos –, a verdade jornalística parece tornar-se, no fundo, apenas um ideal de honestidade ou credibilidade do repórter e de suas fontes ou dos próprios media.

O autor supracitado prossegue afirmando que em termos epistemológicos, a verdade não tem sido encarada de frente pelos jornalistas. No seu trabalho, o profissional se depara com declarações que muitas vezes não podem ser apuradas. "Em decorrência, facilmente se pode confundir afirmações (das fontes) com os fatos". (2007: 45).

Em meio a sociedades complexas, o jornalismo investigativo sempre trabalha com contextos de difícil assimilação e análise. É importante ressaltar que "qualquer coisa que torne uma afirmação verdadeira é um fato, e que o fato é sempre extralingüístico, isto é, está fora da linguagem". (2007: 46).

Para completar, de acordo com TAMBOSI (2005: 37), "o jornalismo investigativo, diferentemente do declaratório, é uma atividade cognitiva no processo mesmo de apuração da informação. Esse procedimento investigativo tem […] a verdade como fio condutor."

Concluindo, a Internet reformula o fundamento jornalístico da apuração na medida em que oferece maiores possibilidades de pesquisa e investigação de dados nesta etapa do processo de produção da notícia fornecendo maiores chances do jornalista difundir conhecimentos nos seus produtos. Uma vez que o ciberespaço oferece espaços e possibilidades para o jornalista apurar fatos que explicitem crenças verdadeiras e justificadas, o profissional estará contribuindo para que o jornalismo se guie pelos fundamentos da verdade e se aproxime da tarefa de oferecer produtos jornalísticos que gerem conhecimentos para a sociedade.

## 5. Considerações finais

Em uma época de quantidade de informação disponível sem precedentes, os profissionais nas redações de organizações jornalísticas exercem, com o advento das redes, a função de agregar e reformular informação recolhida através de muitas fontes. Com o jornalismo investigativo exercido nas organizações jornalísticas, percebe-se que questões epistemológicos como a verdade e o conhecimento podem ser confrontadas diretamente pelo profissional, uma vez que este subgênero jornalístico trabalha com a verdade como correspondência.

Complementando essa idéia, constata-se que a percepção do que é a apuração jornalística passa atualmente por uma profunda transformação em que os antigos manuais já não podem dar conta. A apuração jornalística, atualmente, extrapola os antigos preceitos que trabalhavam com uma checagem simples da informação, sem uma criteriosa pesquisa em bancos de dados, por exemplo, para dar lugar a pesquisas de caráter investigativo e cada vez mais rigorosas.

Nestes momentos o jornalista terá como auxílio o conteúdo sistematizado no ciberespaço para poder conhecer a fundo o tema de uma pauta, e assim disseminar crenças verdadeiras e justificadas, ou seja, representações verdadeiras da realidade.

## Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: De Gutemberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BORGES, André. **Blog**: uma ferramenta para o jornalismo. IN: FERRARI, Pollyana (Org). Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação. São Paulo: Contexto, 2007.

DEFLEUR, Margaret H. **Computer-Assistested Investigative Reporting:** development and methodology. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

FERRARI, Pollyana (Org). **Hipertexto, Hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

FIDALGO, António. Jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth. IN: Pauta Geral n°6. Salvador; Calandra, 2004

GARRINSON, Bruce. **O uso de e-mail na busca de notícias**. IN: FERRARI, Pollyana (Org). Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação. São Paulo: Contexto, 2007.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del Periodismo:** como forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador, Calandra, 2003.

MARTINEZ, Adriana Garcia . **A Construção da notícia em tempo real**. IN: FERRARI, Pollyana (Org). Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

MAROCO, Beatriz e BERGER, Christa (org). **A era glacial do jornalismo** - teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MEYER, Philip. **Periodismo de precision***:* nuevas fronteras para la investigacion periodistica. Barcelona: Bosch, 1993.

TAMBOSI, Orlando. **Informação e conhecimento no jornalismo**. Estudos em jornalismo e mídia**.** Florianópolis: Insular, v. 2, n. 2, 2. sem. 2005.

_____. Jornalismo e teorias da verdade. **Intercom:** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 30, n. 1, 2007.

REDE IBERO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL. Disponível em: www.icod.ubi.pt Acesso em: 5 jan. 2008

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade:** Filosofia no mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ZAMORRA, Lizy Navarro. **Los periódicos on line**: sus características, sus periodistas, sus leitores. Disponível em: http://www.saladeprensa.org/art253.htm Acesso em: 06 mar. 2008